

Autor:

José Carlos Ribeiro Miranda

mirandajcr@gmail.com

Título:

ESCATOLOGIA E HETERODOXIA NOS ROMANCES DO GRAAL: ALGUNS APONTAMENTOS

Resumo:

Embora todos os romances do Graal, desde Chrétien de Troyes até às várias formas do ciclo em prosa, contenham narrativas cuja ressonância espiritualizante é evidente, sempre foi difícil argumentar que possuíam um conteúdo heterodoxo, provavelmente até porque a ideia de ortodoxia cristã aplicável aos séculos XI e XIII não é tão definida como virá a ser em épocas históricas mais recentes. Nos séculos terminais da Idade Média, a variabilidade do pensamento religioso era grande e, no seu seio, avultava a dimensão escatológica e a noção global de tempo humano, em cujo contexto vale a pena visitar esses romances, contrapondo, de novo, o *Livro de Galaaz* («*Demanda do Santo Graal*») e a francesa *Queste del Saint Graal*.

Palavras-chave: Heterodoxia; Palácio Espiritual; Graal; Sarraz; Josefes; Galaaz; Lancelot

Abstract

Although all the Grail romances, from Chrétien de Troyes to the various forms of the prose cycle, contain narratives whose spiritualising resonance is evident, it has always been difficult to argue that they had a heterodox content, probably because the idea of Christian orthodoxy applicable to the 11th and 13th centuries is not as clear as it will become in more recent historical periods. In the final centuries of the Middle Ages, the variability of religious thought was great and, within it, the eschatological dimension and the global notion of human time stood out. It is worth revisiting these romances from this perspective, contrasting, once again, the *Livro de Galaaz* («*Demanda do Santo Graal*») and the *Queste del Saint Graal*.

Keywords: Heterodoxy; Spiritual Palace; Grail; Sarraz; Josephe; Galaaz; Lancelot

Plano:

As heterodoxias do Graal segundo Pierre David

A problemática dos ciclos em prosa

Será o ciclo arturiano heterodoxo?

A especificidade da *Queste del Saint Graal*

Como citar este artigo:

José Carlos Ribeiro Miranda, «Escatologia e heterodoxia nos romances do Graal: alguns apontamentos», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, n.º 8, 2023, pp. 87-101.

DOI: <https://doi.org/10.21747/21839301/gua8a6>

ESCATOLOGIA E HETERODOXIA NOS ROMANCES DO GRAAL: ALGUNS APONTAMENTOS

José Carlos Ribeiro Miranda
SMELPS/IF– FCT
Universidade do Porto

A questão da heterodoxia dos romances do Graal sempre se colocou e é, hoje em dia, ainda pertinente. Para fazer um balanço desta corrente interpretativa, devemos recuar ao trabalho de Pierre David, *Sentiers dans la Forêt du Saint Graal*¹⁵⁹, já que, tendo sido redigido em Portugal e cá publicado há quase cem anos, é o mais sério e, sobretudo, aquele de que dependem estudos posteriores, de Jaime Cortesão, A. José Saraiva, Almir de Campos Bruneti¹⁶⁰ e tantos outros em contexto de língua portuguesa. Uma extensa erudição e um profundo conhecimento das sensibilidades religiosas do início do século XIII aliam-se nele a uma extrema argúcia. Por exemplo: as teses de Pauphilet¹⁶¹ sobre a influência cisterciense na *Queste del Saint Graal*, que se teria comunicado por via do *Dialogus Miraculorum* de Cesário de Heisterbach, são arrasadas com tanta simplicidade, que não nos deixam lugar a dúvidas.

As heterodoxias do Graal segundo Pierre David

Pierre David tinha como horizonte do seu comentário os textos da chamada *Vulgata*¹⁶². Na altura em que escreve, nem a *Demanda do Santo Graal* estava ainda inteiramente publicada, nem o conhecimento destes textos era detalhado. Mas esse aspecto era, para o autor, secundário, porque, para ele, o *mito* e o *conto* eram coisas diferentes. O mito era anterior ao conto e este ia buscar àquele apenas certos elementos, misturando-os com outros de natureza diversa... O mito do Graal seria património de uma seita religiosa, ou de uma corrente espiritual, que, embora se identificasse inteiramente com os mistérios fundamentais do cristianismo – a Trindade, a Encarnação e a Redenção – e também com os sacramentos da Igreja, se consideraria a parte mais pura dessa Igreja, aquela a quem Cristo teria revelado directamente a sua doutrina secreta, porventura aquela mesma que está nos *Evangelhos*, mas que a Igreja de Pedro apenas poderia compreender nos últimos dias.

¹⁵⁹ Ver David (1943).

¹⁶⁰ Ver Cortesão (1956); Saraiva (1988); Bruneti (1974). Em âmbito geral, no seio de tantas e tão imaginosas abordagens do «mito do Graal», veja-se, por exemplo, Zambon (2019).

¹⁶¹ Cf. Pauphilet (1921).

¹⁶² Cf. Sommer (1909-1917). Ver abordagem detalhada adiante.

O seu emblema seria o Graal, relíquia do sangue redentor, por excelência, que deveria permanecer escondido até que a sua busca e descoberta, que anunciaria a vinda do reino de Deus, fizesse cessar todos os malefícios que impediam «le sang rédempteur de faire ruisseler le torrent de ses grâces», segundo palavras do próprio Pierre David¹⁶³.

Parece óbvio que estas concepções se ajustam mais ao pequeno ciclo de Robert de Boron¹⁶⁴ do que ao grande ciclo em prosa. Mas Pierre David entendia que o mito do Graal conheceu diversas fases, e a que é representada por Boron era apenas uma fase primitiva. A segunda fase seria a do *Palácio Espiritual*, do sacerdócio espiritual e da busca do Graal por Galaad, representada pelo(s) ciclo(s) em prosa. Para o nosso autor, a substituição do sacerdócio de Pedro pelo de Josefes¹⁶⁵ teria tido o intuito deliberado de propor, não uma representação romanesca da Igreja, mas uma nova Igreja espiritual cujo sacerdote primeiro seria o mencionado Josefes, sacerdote mesmo depois de morrer, «homem espiritual», *vir spiritualis* por excelência. O Graal seria o seu novo *Evangelho* e o seu novo *Apocalipse*, ou seja, o recipiente onde teria lugar uma supomos que renovada eucaristia que substituiria os sacramentos da Igreja.

É claro que P. David apenas pôde fundamentar esta sua interpretação do mito do Graal no grande ciclo em prosa apoiando-se num conjunto muito limitado de elementos:

Por um lado, algumas designações excessivamente sugestivas – *Palácio Espiritual*, *homem espiritual* –, sobretudo para uma crítica que assumia que as palavras *espiritual* e até *Espírito Santo* tinham logo uma ressonância joaquimita ou afim... Por outro lado, a interpretação da personagem «Josefes» como um ocupante «espiritual» da cadeira de S. Pedro, oficiante permanente de uma eucaristia superada representada pelo Graal, interpretação apoiada não já no texto da *Estoire del Saint Graal*, onde, como veremos, Graal e eucaristia se mantêm claramente separados, mas sim no mais do que equívoco romance da *Queste del Saint Graal*, onde porventura quem refundiu o texto primitivo – já que, como veremos, de uma refundição de um texto anterior se trata – pretendeu que essa confusão tivesse mesmo lugar.

A problemática dos ciclos em prosa¹⁶⁶

Mas todos estes dados se tornarão confusos, a menos que haja uma clarificação prévia daquilo de que falamos, que não são apenas textos isolados, por muito interessantes que se revelem, mas conjuntos articulados de romances que a crítica, quase unanimemente, designa com entidades narrativas vastas, complexas e articuladas como um todo, ou seja, «ciclos».

¹⁶³ Cf. David (1943, p. 120).

¹⁶⁴ Sobre este ciclo, ver Roach (ed., 1956); Paris & Ulrich (eds., 1886); Le Gentil (1959); Micha (1968; 1980).

¹⁶⁵ Personagem da *Estória do Santo Graal*, mas também mencionada no *Livro de Galaaz* e na *Queste del Saint Graal*.

¹⁶⁶ Nesta parte da nossa exposição, retomámos parcialmente o que já foi detalhadamente explicado em Miranda (2011).

Não recuando à arqueologia textual destas vastas organizações textuais, é necessário, todavia, esclarecer como se estruturavam. E tudo parece começar com a redacção, no início do século XIII, de um *Livre de Lancelot* que se destinava a ser como que uma actualização do texto sobre o mesmo cavaleiro, escrito umas dezenas de anos antes por Chrétien de Troyes¹⁶⁷. Porém, a intenção dos redactores que planearam o ciclo em prosa não era simplesmente afirmar a figura do jovem cavaleiro contra o rei Artur, mas exactamente o oposto. A recuperação desse primitivo «*Lancelot não-cíclico*» como base de um projecto mais amplo, envolvendo vários romances e a consequente expansão do universo narrativo assim criado, não foi uma simples operação quantitativa de adição tendente a tornar maior o que já em si era extenso. Na verdade, essa iniciativa constituiu uma das mais bem conseguidas operações de montagem contra-discursiva a que a história da literatura terá assistido.

O *Ciclo do Lancelot-Graal* representou a extensa composição de um *Anti-Lancelot* mais do que a mera continuação prospectiva e retrospectiva do romance que, formalmente, continuava a estar presente. O anúncio da ideia central estruturante do ciclo – segundo a qual Lancelot é um cavaleiro cuja conduta é criticável, sendo por isso necessário criar uma nova personagem que a venha substituir na função de cavaleiro-modelo do universo arturiano – é feito logo no momento em que se inicia a operação cíclica, único ponto do romance onde se observa uma reescrita do texto previamente existente¹⁶⁸. O sonho alegórico anunciador do futuro, em que Lancelot, o leopardo do mundo da cavalaria, é superado pelo leão a vir, ao mesmo tempo que a rainha é simbolizada por uma serpente, não deixa margens sobre o que é realmente relevante no projecto cíclico¹⁶⁹.

A decisão de transformar esse cavaleiro que há-de substituir Lancelot no seu próprio filho deve associar-se à emergência da concepção das funções da cavalaria como algo hereditário, ideia não existente no primitivo *Lancelot não-cíclico*, e até radicalmente contrária às suas concepções de base, mas já de algum modo implícita no pequeno ciclo de Robert de Boron. Aliás, este pequeno conjunto de textos, não somente pela sua estruturação textual, mas também pelas temáticas a que dá voz, irá funcionar como modelo para a concepção do grande ciclo em prosa que está em gestação. Na realidade, não apenas é dele aproveitado o argumento segundo o qual o vínculo genealógico pode configurar uma linhagem de cavaleiros e que, doravante, a linhagem será o modo de existência primordial da cavalaria, como será mesmo retomada a letra do seu texto inicial que continha a apócrifa narrativa referente a José de Arimateia, embora aumentada e reformulada para servir os propósitos do novo ciclo.

Estas operações levarão inevitavelmente a que a linhagem de Lancelot e de Galaaz se alongue retrospectivamente por via masculina até mergulhar nos tempos de Cristo, simultaneamente inviabilizando definitivamente a presença de uma homóloga linhagem de Perceval, que ofereceria ao esquema proposto, caso existisse, um curto-circuito semântico de

¹⁶⁷ Sobre esta questão, julgamos imprescindível consultar e esclarecida abordagem de Kennedy (1984; 1986).

¹⁶⁸ Ver *Lancelot, roman en prose du XIIIe siècle* (Micha, ed., 1978-1983).

¹⁶⁹ Estão em causa os sonhos de Galeholt, que precedem a sua morte, e a interpretação de que serão objecto por parte de Helie de Toulouse. Sobre o assunto, ver Correia (2010); Miranda (2022).

tal ordem que se tornaria intolerável. Na realidade, a designação “linhagem de José de Arimateia” permanecerá no universo cíclico como uma memória prestigiante da qual vários cavaleiros se poderão reclamar, embora Perceval não se conte entre eles¹⁷⁰. Aliás, o primitivo herói do Graal só tardiamente entrará na história, recaindo sobre ele uma fatal amnésia narrativa que o privará de qualquer passado genealógico e também de uma aventura do Graal própria, inevitavelmente ligada a esse destino genealógico.

A renovada ascendência de Lancelot e de Galaaz, assim concebida, fará recurso a personagens em grande parte inéditas ou cuja denominação não se associava a esta função. Os fundadores da linhagem – Nascien e o seu filho Celidoines – serão sem dúvida os mais importantes, sendo-lhes consagradas extensas páginas na *Estoire del Saint Graal*¹⁷¹. Ocupando no ciclo em prosa a mesma função que o *Joseph d’Arimathie* desempenhava no pequeno ciclo de Robert de Boron, também a *Estoire* é o romance onde se narram as origens, como começámos por afirmar: origens da ordem cristã do mundo, origens das grandes instituições da sociedade, entre as quais se conta a cavalaria; origens da linhagem que está destinada a ocupar o lugar cimeiro no mundo cavaleiresco; origens, por último, do Santo Graal, o emblema da linhagem escolhida¹⁷², como facilmente se verificará. É no acto de instituição desta linhagem que pela primeira vez se utiliza o termo que a define, doravante caracterizador por excelência dessa realidade genealógica agora assumida como personagem colectiva: “as premerains et as daarains del *precieus lignage* monsterai iou [mes] merveilles...”¹⁷³, tal como se pode ler na versão francesa da *Estoire*.

Utilizando o modelo bíblico decorrente da enumeração dos descendentes de Adão no livro do *Genesis*, também agora vemos desfilar uma sequência de nove homens – na realidade, o tema, retomado em pontos diferentes do texto, tanto contempla os “nove homens” como se refere a dez ou a onze¹⁷⁴... – que adequa a linhagem a um arco temporal que vai das origens, na época imediatamente posterior ao sacrifício de Cristo, até ao séc. V onde a tradição inaugurada por Geoffrey de Monmouth situara a era arturiana. A linhagem santa – ou “precioso linhagem, como literalmente será traduzido pela versão portuguesa da *Estoire del Saint Graal*¹⁷⁵ – passará, desde então, a constituir a espinha dorsal que articula a vontade divina no tocante à evolução e à função da cavalaria no mundo, vontade da qual Lancelot se virá a afastar para ser de novo retomada pelo seu filho Galaaz. E este último será adornado com características que farão dele uma autêntica «pós-figuração de Cristo»...

¹⁷⁰ Cf. Miranda (1998-1999, pp. 100-102 e 126-134).

¹⁷¹ Cf. Correia (2004).

¹⁷² Embora não lhe concedendo o carácter articulador que, a nosso ver, possui, também a Zink (2003, p. 303) o «lignage élu», enquanto entidade social e antropológica, não passa despercebido..

¹⁷³ *Estoire del Saint Graal*, Ponceau (1997, II, ed., p. 217)

¹⁷⁴ Sobre os esquemas genealógicos do ciclo, ver Miranda (1998-1999, pp. 195-197).

¹⁷⁵ Obra que equivocadamente veio a ser conhecida como «Livro de José de Arimateia», designação que lhe é atribuída no ms 643 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Ver edição recente em Miranda, Ailenii, Correia, Laranjinha & Rabaçal (2016, eds, pp. 161 para o excerto citado).

Como era já anunciado na *Estoire del Saint Graal*, o tempo dos cavaleiros será o tempo da ocultação¹⁷⁶, enquanto o tempo das aventuras do Graal será o da progressiva revelação, precedida por uma fase de intenso, mas equívoco, profetismo. A fase da ocultação, traduzida pela manutenção do Graal num castelo que não pertence à linhagem escolhida de cavaleiros, mas sim a uma outra linhagem cuja função é apenas custodiar o sagrado emblema, estende-se da parte final da *Estoire del Saint Graal* até à totalidade da versão cíclica do *Lancelot* e mesmo à parte inicial do romance consagrado à busca do Graal, o que significa que a linhagem santa é, durante esse período da narrativa, uma realidade apenas conhecida dos «homens bons» que, aqui e ali, vão intervindo na acção, mas totalmente alheia aos cavaleiros e mesmo ao rei Artur. No momento em que incita os cavaleiros da sua corte a levar a cabo a «darraine queste» em busca do Santo Vaso, Artur nada sabe da ligação quase heráldica desse mesmo objecto à linhagem dos seus melhores cavaleiros. Ou seja, o rei desconhece que lhes assiste um direito divino que, em última análise, estará por trás não apenas do desfecho dessa concreta aventura, mas mesmo do desenrolar dos tristes acontecimentos que ditarão o fim do seu reino.

De notar que o enredo cíclico, assim descrito, pode ler-se actualmente de uma forma indirecta, após uma reconstituição filológica, já que o ciclo inicial sofreu duas transformações paralelas, uma que incidiu sobretudo no texto designado *Queste del Saint Graal*, logo complementado por uma reescrita homogeneizante que dá origem à autónoma *Mort Artu*; uma outra que, no fundamental, acrescentou matéria proveniente do *Tristan en prose*, aumentando substancialmente o volume cíclico, mas não perturbando o fundamental do seu enredo primário, que envolve as personagens Lancelot e Galaad. Enquanto o primeiro ciclo vem a ser designado «Vulgata»¹⁷⁷, confinando-se ao domínio da língua francesa, o segundo cedo chegou a Portugal e ao conjunto da Península Ibérica, sendo colocado sob a autoria (falsa) de Robert de Boron, donde decorre a designação «Ciclo do Pseudo-Boron»¹⁷⁸. Este ciclo sofreu, no ambiente francês, uma apreciável desarticulação, ao ponto de não ser possível editá-lo inteiramente. Ambas as refundições cíclicas terão sido concluídas na década de 1230.

Será o ciclo arturiano heterodoxo?

Ora um dos aspectos mais importantes da argumentação de Pierre David reside na sua tentativa de fixar a cronologia do primitivo ciclo em prosa, não pelos anos 20 a 30 do século XIII, mas por volta de 1250 – ideia aceitável na época em que escreve, mas que é facilmente contestável pelas descobertas mais recentes¹⁷⁹, que permitem uma datação mais recuada de toda esta actividade literária e respectiva difusão.

¹⁷⁶ O processo que consiste no desaparecimento público do Graal e seu encerramento no castelo de Corberic foi por nós designado como «feudalização do Graal». Cf. Miranda (2016, p. 106).

¹⁷⁷ Ver Sommer (ed., 1909-1917).

¹⁷⁸ Cf. Wechsler (1895).

¹⁷⁹ Sem nos alongarmos demasiado no tema, é de notar que o manuscrito de Rennes, contendo grande parte dos manuscritos cíclicos, é datável de 1220 a 1230; e a chegada a Portugal do Ciclo do Pseudo-Boron terá

É que, para Pierre David, a espiritualidade que se esconde por trás do que ele chamava «ciclo do Palácio Espiritual» é a dos franciscanos espirituais que retomam as ideias de Joaquim de Flore. Ora os escritos que dão corpo a esta corrente – os comentários anónimos sobre *Jeremias e Isaías* e, sobretudo, o *Liber introductorius in Evangelium Aeternum*, de Gerardo da Borgo San Donnino – só surgem nos anos quarenta desse século, os primeiros, e em 1254 o segundo¹⁸⁰. Também aqui, pois, a argumentação deverá ser revista.

Vejamos, então, se é possível, hoje em dia, reequacionar o problema das heterodoxias do Graal nos ciclos em prosa à luz destes novos dados. Se abordarmos a temática do Graal, circunscrevendo-a aos textos mais conhecidos – são eles a *Queste del Saint Graal* francesa e o ibérico *Livro de Galaaz*, mais tarde conhecido como *Demanda do Santo Graal* – ficaremos irremediavelmente enredados em problemas insolúveis. É que a elaboração do conhecido mito não se encontra aí, onde a narração do que diz respeito ao Graal é claramente apressada e terminal, mas sim bem lá atrás, na *Estoire del Saint Graal*, que é um texto doutrinário por excelência.

E há que notar que este romance adquiriu o estatuto de uma historiografia fingida, ou pseudo-historiografia, estendendo-a a todo o ciclo do qual veio a ser a pedra basilar. O ciclo em prosa de tal modo se confundia com a História dos feitos acontecidos que não foram poucas as obras historiográficas deste período que incorporaram matéria dele proveniente. Entre nós, atestam-no tanto o *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro, como a *Crónica de 1344* do mesmo autor¹⁸¹, que misturam informações provenientes deste ciclo em prosa com outras, mais antigas, oriundas da cronística alfonsina e, sobretudo, do *Liber Regum*, que por sua vez, tinham como fonte o *Roman de Brut*, proveniente, por seu lado, da *Historia Regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth¹⁸².

Resumindo: A acção arturiana desenrola-se no séc. V. Por isso, o ciclo vai ter o cuidado de situar os eventos narrados entre os tempos da libertação de José de Arimateia – por volta do ano 70, antes da destruição de Jerusalém – e a época do rei Artur, umas boas nove gerações depois (ao contrário das três únicas gerações a que se limitava o pequeno ciclo de Robert de Boron). Mas não é apenas neste aspecto que o ciclo em prosa mostra preocupação com a verosimilhança histórica. O modo como vai retomar a narração do *Joseph* de Robert de Boron e refazer as origens do Graal denota a mesma preocupação. Além disso, há ainda o propósito evidente de corrigir certas ousadias do borgonhês às quais aludiremos.

Começamos por verificar que o texto, pura e simplesmente, omite as palavras que, no pequeno texto de Robert de Boron, Cristo dissera a José de Arimateia quando o visitara no cárcere e lhe entregara a Santa Escudela. Agora, a única vez que Cristo se lhe dirige é já em

acontecido por volta de 1245, com a vinda do Conde de Bolonha, que depressa assumirá as funções de rei de Portugal, em 1247.

¹⁸⁰ Cf. Lubac (1979).

¹⁸¹ Cf. Ferreira (2020, p. 232).

¹⁸² Cf. Bautista (2013).

Sarraz, uma cidade a Oriente para onde José e os seus seguidores se haviam dirigido depois da libertação por Tito e Vespasiano, quando se encontrava a orar perante a sua escudela, no Palácio Espiritual, um templo outrora mandado erigir pelo profeta Daniel e a que voltaremos mais adiante. O que lhe diz então é verdadeiramente espantoso, já que pretende que o seu filho Josefes seja por Ele ordenado, nada menos, do que o primeiro Bispo da Crisandade, como Pierre David tinha já observado.

Aquilo a que vamos assistir de seguida é a uma extensa cerimónia litúrgica, de uma liturgia fantástica onde, ao gosto oriental, comparecem anjos, sendo oficiante o mesmo Cristo em vestes sacerdotais. Não perderemos tempo com esta liturgia, mas apenas com o que dela decorre. Cristo ordena, de facto, Josefes e seguidamente indica-lhe como há-de celebrar a eucaristia – o sacramento do altar, que, embora envolvido numa roupagem fantástica, é de uma rigorosa observância do ritual romano. Indica-lhe como há-de proceder para ordenar Bispos e Padres, mas também Reis, que deverão ser ungidos pelo santo óleo... Ecos de uma teologia política agostiniana que se espelha de uma forma nítida em todo o ciclo arturiano em prosa¹⁸³.

É visível que aquilo que vai desfilando perante o leitor ao longo destas páginas é nada menos do que a construção, não apenas da Igreja enquanto corpo sacerdotal, mas também das outras instituições da «*respublica christiana*», como a realeza e até mesmo a cavalaria – que é representada pelo Graal, como veremos –, num processo que se identifica claramente com o ideário gregoriano da instituição da cidade terrestre à luz da cidade celeste, o mesmo é dizer, com aquilo que era o pensamento político corrente nos meios mais fundamentalistas ligados à Igreja por este mesmo período¹⁸⁴. Os únicos elementos que parece estarem a mais, quer no plano das instituições, quer no dos símbolos, são exactamente o Graal e a cavalaria.

Torna-se óbvio que, investido de tais poderes, de tais funções e de tais símbolos, Josefes é uma réplica romanesca de Simão Pedro, o apóstolo. Comprova-o tudo o que será relatado a seguir, nomeadamente o facto de, ao abandonar esse reino de Sarraz para rumar a Ocidente, Josefes lá ter deixado mais de trinta bispos e um número indeterminado de padres.

Outra enorme ousadia, dir-se-á! Refazer a história sagrada! É-o certamente. Mas, se avaliarmos bem o que está por trás desta iniciativa, facilmente verificamos que é uma ousadia assumida em nome da rectificação de outras bem mais profundas, como veremos adiante. É certo que Josefes passa a ser também o guardião do Graal, que é por ele transportado e venerado como se da mais valiosa de todas as relíquias se tratasse. Deste modo, o Graal não é estranho e exterior à Igreja, mas nasce dentro dela. Se alguns cavaleiros terão o privilégio de contemplar nele os segredos de Cristo – e o Graal funciona como símbolo da redenção por excelência, ao ser testemunho da última Ceia, da Paixão e da Ressurreição –, Josefes, o primeiro Bispo, foi também o primeiro a quem tal privilégio foi concedido

Mas, por outro lado – e isto é crucial –, nem o Graal é o cálice da missa, nem o seu serviço, que aparece, no ciclo em prosa, com um detalhe desconhecido dos textos anteriores,

¹⁸³ Cf. Miranda (1998-1999; 2011; 2015; 2022).

¹⁸⁴ Cf. Arquillière (1934).

se pode confundir com a eucaristia¹⁸⁵. A prova mais clara disto são as duas vezes que o texto menciona o Graal junto do cálice, uma antes da primeira missa rezada por Josefes:

...vio a escudela que i trouxera (=o Graal) e no meio do altar vio ùu mui rico vaso d'ouro e ùu mui rico cobertouro d'ouro, mas o cobertouro nom podia ele devisar, nem que sô ele jazia, porque era cuberto de ùu pano bramco, asi que o nom podia ver se não por diamte¹⁸⁶

e outra imediatamente a seguir:

...depois bebeo ùu pouco de samgue, e depois que isto ouve feito, vio estar o amjo que tomou a patena e cobrio o caliz e ergue-o a em alto, e sobre aquela patena vio muitas peças que pareçião pãao, e ùu amjo tomou o caliz e outro erg[u]eo a patena alto com aquilo que era de çima, e levou o em suas mãos fora da camara; e o outro amjo tomou em ùas toalhas a scudela (= o Graal) e levou a depois¹⁸⁷

Enquanto na posse de Josefes e, depois, na do seu primo Alain, que aqui é um sacerdote ordenado como ele, junto ao Graal ora-se e recebe-se em troca o benefício da alimentação, mas não se realiza a missa.

Num momento posterior, o Graal passará a estar guardado num castelo feudal onde será venerado por uma linhagem especialmente consagrada à sua guarda, como já atrás dissemos, ao abordar a fase narrativa da ocultação do Graal. Na aparição final de Cristo aos doze cavaleiros em Corberic, a recompensa que lhes é dada é o Seu próprio corpo em forma de hóstia. Mas enquanto não se conclui a busca do Graal, que é também o fim do Graal, em nenhum lugar vemos que essa escudela seja identificada com o cálice da missa.

Concluindo: o Graal e o seu serviço não são, nem a representação do sacramento do altar, nem nenhum outro rito que vise substituí-lo, do mesmo modo que os seus servidores, a linhagem do Graal, não é nenhuma casta sacerdotal, mas simplesmente uma família que exerce um domínio senhorial. Estes últimos serão o que subsiste da primitiva linhagem de José de Arimateia, destronada do protagonismo que assumia no pequeno ciclo de Robert de Boron, como já antes referimos.

Todavia, pela sua própria natureza simbólica, que aponta rigorosamente para a evocação dos mesmos momentos que estão também presentes na eucaristia, o Graal não pode esquivar certas sugestões eucarísticas. Elas são-lhe mesmo imprescindíveis.

Como que confirmando que o Graal e o seu culto não substituem, em circunstância nenhuma, a Igreja e os seus sacramentos, está o facto de a Igreja de Roma estar bem presente ao longo de todo o ciclo e não apenas neste ou naquele romance. Já vimos o que sucede na *Estoire del Saint Graal*, onde a substituição de Pedro por Josefes apenas afecta a fundação da Igreja, não dando origem a uma Igreja alternativa... Na percepção do leitor do século XIII, a ordem eclesiástica permaneceria a mesma.

No *Lancelot*, intervém uma vez a figura do «pape de Rome», que lança o interdito sobre o reino de Logres quando o rei Artur decide abandonar a rainha para se juntar a uma

¹⁸⁵ Cf. Zink (2003).

¹⁸⁶ ESG (Miranda & al., eds., p. 52).

¹⁸⁷ ESG (Miranda & al., eds., p. 59).

impostora¹⁸⁸. No epílogo do romance, a *Demanda do Santo Graal*, ou *Livro de Galaaz*, e também os textos correspondentes da *Vulgata*, relatam a presença assídua de sacerdotes da Igreja, bem como do arcebispo de «Conturbe» (Canterbury)¹⁸⁹, num contexto em que a presença dos *Evangelhos* é assídua.

Deste modo, o Graal do ciclo em prosa não institui nenhum tipo de heterodoxia¹⁹⁰, no sentido em que «heterodoxia» pressupõe uma alternativa à Igreja, embora o romance conhecido como *Queste del Saint Graal* apresente alterações a este padrão que podem levantar sérias suspeitas. Com efeito, se lermos o ciclo com a *Queste del Saint Graal* no lugar que corresponde às passagens referidas do *Livro de Galaaz*, ou *Demanda do Santo Graal*, então as conclusões serão necessariamente diferentes.

Começamos por assistir ao desaparecimento das referências à Igreja e aos seus sacerdotes, embora não aos sacramentos. Exceptuam-se apenas alguns monges brancos. A linhagem dos guardiões do Graal é elevada a um plano de completa santidade, passando a ser constituída por um conjunto de homens vestidos de branco. Até o velho eremita que na parte final do *Lancelot* e no início do *Livro de Galaaz* acompanha o herói epónimo é agora substituído por um desses homens brancos. No final do romance, em Corberic, no castelo do Graal, na mesma sala onde esta relíquia se encontra depositada, vemos ter lugar aquela mesma eucaristia que o resto do ciclo apenas sugeriria, mas que situava nos seus lugares próprios: as igrejas.

Não nos alongaremos mais em temáticas que foram por nós todos já muito tratadas e cujas conclusões devemos dar por adquiridas¹⁹¹. A conjugação destes dois factores: apagamento da Igreja e atribuição de características sacramentais ao Graal e aos seus servidores, não pode deixar de sugerir as mais ousadas heterodoxias, embora, desse ponto de vista, a nosso ver, o texto francês seja apenas confuso no seu afã refundidor e espiritualizante. Em todo o caso, desrespeita completamente a letra e o espírito dos restantes romances que integram o ciclo, como os recentes trabalhos de Rafaela Silva facilmente corroboram¹⁹².

A especificidade da *Queste del Saint Graal*

Mas o problema está, e sempre esteve, em cima da mesa: serão os textos do ciclo do Graal manifestos de alguma corrente espiritualmente heterodoxa? Os mais antigos estudiosos destas matérias, há já muitas dezenas de anos, tendiam a dizer que sim e, o que é mais decisivo, na esteira de estudos da autoria de Pierre David, viam nestes textos uma decisiva

¹⁸⁸ Trata-se do episódio da «Fausse Guenièvre» ao qual foi consagrada uma excelente edição francesa, que pode ser lida em Mosès (ed., 1998)

¹⁸⁹ *Demanda do Santo Graal*, Nunes (ed., 2005, p. 482 e seg.).

¹⁹⁰ Ponto-de-vista afim é igualmente assumido por Zink (2003, p. 254).

¹⁹¹ Ver Miranda (1998-1999; 2011).

¹⁹² Ver Silva (2018).

marca das correntes espirituais franciscanas, elas mesmas condicionadas pelo profetismo de Joaquim de Fiore!

Ora, como vimos, a urdidura romanesca não aponta nesse sentido. Apenas um texto – a *Queste del Saint Graal* francesa – contém elementos que permitem evocar esse contexto, a saber, na instituição dos guardiões do Graal como confraria de homens vestidos de branco, que anda próximo dos *viros spiritualis* de que falava o joaquimismo¹⁹³. Mas já vimos que a restante diegese é inconsequente com esse projecto, e sobretudo que o final do reino de Artur, em qualquer das versões que nos chegaram, não aponta no sentido de uma qualquer *terceira idade de redenção*. Uma grande ousadia espiritualizante na construção da trama narrativa desse texto é tudo o que nos é permitido dizer acerca dele, aspecto que, no entanto, não deve passar despercebido.

Esta extravagância¹⁹⁴ terá, aliás, sido precedida por uma outra, a que aludimos em estudo já publicado¹⁹⁵, que consistia não em prenciar uma nova «idade», mas sim um novo «império», na figura de Galaaz¹⁹⁶, retomando ideias muito antigas sobre a História que, na altura, conheciam já uma inegável disrupção. Mas também esse projecto, ou ideia, acabou por não ter qualquer sequência, a não ser a sugestão induzida pela visita final dos cavaleiros eleitos ao Palácio Espiritual, outrora mandado fazer por Daniel, o profeta do Quinto Império!

¹⁹³ Para além da excelente abordagem de Lubac (1979), remetemos para vasta síntese histórica de Daniel-Rops (1961), no tocante às relações entre Joaquim de Fiore e Inocêncio III no tempo do IV Concílio de Latrão.

¹⁹⁴ «...des pures balivernes, des *nugae*...», como as caracteriza Zink (2003, p. 247).

¹⁹⁵ Referimo-nos a Miranda (2022).

¹⁹⁶ Como vimos atrás e desenvolvemos em Miranda (2022), os termos utilizados para a apresentação do anunciado cavaleiro Galaaz/Galaad, na parte cíclica do *Livro de Lancelot*, têm uma manifesta correspondência com os termos utilizados na linguagem profética bíblica.

Bibliografia:

- Arquillière, H.-X. (1934), *L'augustinisme politique. Essai sur la formation des théories politiques du Moyen Âge*, Paris, J. Vrin.
- Bruneti, Almir de Campos (1974), *A Lenda do Graal no Contexto Heterodoxo do Pensamento Português*, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural.
- Bautista, Francisco (2013), «Genealogías de la materia de Bretaña: del *Liber regum* navarro a Pedro de Barcelos (c. 1200-1350)», *e-Spania* [Online], 16.
URL: <https://journals.openedition.org/e-spania/22778> [cons. a 11-11-2024].
- Correia, Isabel Sofia Calvário (2004), «Os sonhos e a linhagem no *Livro de José de Arimateia*, Versão Portuguesa da *Estoire del Saint Graal*» in Morais, Ana et al. (coords.), *Da Decifração em Textos Medievais. Actas do IV Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, Lisboa, Ed. Colibri, pp. 235-246.
- Correia, Isabel Sofia Calvário (2010), «Do Amor no Lançarote de Lago», in Murillo, J., Roso, J. & Grande Quejigo, F. (eds.), *Medievalismo en Extremadura. Estudios sobre literatura y cultura hispánicas de la Edad Media*, Cáceres, Univ. Extremadura, pp. 991-997.
- Cortesão, Jaime (1956), *O Sentido da Cultura em Portugal no séc. XIV*, Lisboa, s.ed.
- Daniel-Rops (1961), *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*, Porto, Livraria Tavares Martins.
- David, Pierre (1943), *Sentiers dans la forêt du Saint Graal*, Coimbra, Separata do *Boletim do Instituto de Estudos Franceses*, voll. II-III.
- Ferreira, Maria do Rosário (2020), *Pedro de Barcelos e a Escrita da História*, Porto, Estratégias Criativas.
- Kennedy, Elspeth (1984), «Études sur le Lancelot en prose», *Romania*, CV (1984), pp. 34-62.
- Kennedy, Elspeth (1986), *Lancelot and the Grail*, Oxford, Clarendon Press, 1986.
- Le Gentil, Pierre (1959), «The work of Robert de Boron and the Didot Perceval», in Loomis (ed.), *Arthurian Literature in the Middle Ages*, pp. 251-262.
- Loomis, Roger Sherman (ed., 1959), *Arthurian Literature in the Middle Ages. A Collaborative History (ALMA)*, Oxford, Clarendon Press.
- Lubac, Henri de (1979), *La postérité spirituelle de Joachim de Flore, I: De Joachim à Schelling*, Paris, Éditions Lethielleux.
- Micha, Alexandre (1968), «Matière et sen dans l'Estoire dou Graal de Robert de Boron», *Romania*, LXXXIX, pp. 457-480.

- Micha, Alexandre (1980), *Étude sur le Merlin de Robert de Boron*, Genève, Droz, 1980.
- Micha, Alexandre (ed., 1978-1983), *Lancelot, roman en prose du XIIIe siècle*, 9 voll., Paris, Librairie Droz, Paris-Genève.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (1998), *A Demanda do Santo Graal e o ciclo arturiano da Vulgata*, Porto, Granito.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (1998-1999), *Galaaz e a ideologia da linhagem*, Porto, Granito.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (2002), «Elaim, o Branco, e o devir da linhagem santa», in Leonor Neves, Margarida Madureira & Teresa Amado (coords.), *Matéria de Bretanha em Portugal*, Lisboa, Edições Colibri, pp. 215-226.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (2011), «O Romance Arturiano: Ciclos & Linhagens», *Tágides* 1, pp. 159-175.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (2013), «Lancelot e a recepção da literatura arturiana em Portugal», *e-Spania* [Online], 16.
URL: <https://journals.openedition.org/e-spania/44074> [cons. a 11-11-2024].
- Miranda, José Carlos Ribeiro, Isabel Correia, Simona Ailenii, Ana Sofia Laranjinha, Eduarda Rabaçal (eds., 2016), *Estória do Santo Graal*, Porto, Estratégias Criativas.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (2015), «O ciclo arturiano em prosa, versão cavaleiresca da história do mundo», in Samuel Dimas; Renato Epifânio; Luís Lóia (ed.), *Redenção e Escatologia. Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa*, 1, 2, Paris, Nota de Rodapé Edições, p. 118-126 (ISBN: 978-989-20-5876-4).
- Miranda, José Carlos Ribeiro (2019), «Post Scriptum a “Catábase virgiliana nos sonhos de Lancelote”», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, nº 4, pp. 97-108.
DOI: <https://doi.org/10.21747/21839301/gua4a6>[cons. a 11-11-2024].
- Miranda, José Carlos Ribeiro (2022), «A alegoria de Galaaz e a representação dos Impérios do Mundo», *e-Spania* [Online], 42.
URL: <https://journals.openedition.org/e-spania/44074> [cons. a 11-11-2024].
- Mosès, François (ed., 1998), *Lancelot. La fausse Guenièvre*, Paris, Librairie Générale Française.
- Nunes, Irene Freire (ed., 2005), *A Demanda do Santo Graal*, 2ª edição, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Pauphilet, Albert (1980 [1921]), *Études sur la Queste del Saint Graal attribuée à Gautier Map*, Paris, Librairie Honoré Champion.
- Pauphilet, Albert (1907), «La Queste du Saint Graal du ms. B.N.F. Fr. 343 », *Romania*, XXXVI, pp. 691-709.

Paris, Gaston & Jacob Ulrich (eds., 1886), *Merlin. Roman en prose du XIIIe siècle publié avec la mise en prose du poème de Robert de Boron*, 2 voll., Paris, S.A.T.F.

Ponceau, Jean-Paul (ed., 1997), *L'Estoire del Saint Graal*, 2 vols., Paris, Honoré Champion Éditeur.

Roach, William (ed., 1956), «The Modena text of the prose Joseph D'arimathie», *Romance Philology*, IX, 3, pp. 313-342.

Saraiva, António José (1988), *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal*, Lisboa, Gradiva.

Silva, Rafaela (2018), *A Escrita Bíblica no Romance Arturiano em Prosa: a Queste del Saint Graal e a Demanda do Santo Graal*, Porto, FLUP (dissertação policopiada)

Sommer, H. Oskar (ed., 1909-1917), *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*, 7 voll., Washington, The Carnegie Institution of Washington.

Wechssler, Eduard (1895), *Ueber die verschiedenen Redaktionen des Robert von Borron zugeschriebenen Graal-Lancelot-Cyklus*, Halle, Max Niemeyer.

Zambon, Francesco (2019), *Metamorfosi del Graal*, Roma, Carocci Editore.

Zink, Michel (2003), *Poésie et conversion au Moyen Âge*, Paris, PUF.